

νημερτέως τὸν μῦθον ἐνισπήσω· κέλευαι
Ζεὺς ἐμέ γ' ἠνώγει δεῦρ' ἐλθέμεν οὐκ ἐπὶ
τίς δ' ἂν ἐκὼν τοσσόνδε διαδράμοι ἀμφιπέρι
ὔδωρ ἄσπετον; οὐδέ τις ἄγχι βροτῶν πόλις, οἷ τε
θεοῖσιν ἱερά τε ῥέζουσι καὶ ἐξάιτους ἑκατόμβας.
ἀλλὰ μάλ' οὐ πως ἔστι Διὸς νόον αἰγιόχοιο οὔτε
παρεξελθεῖν ἄλλον θεὸν οὔθ' ἀλιῶσαι.
φησί τοι ἄνδρα παρεῖναι οἰζυρώτατον
ἄλλων, τῶν ἀνδρῶν, οἱ ἄστυ πέρι Πριάμοιο
μάχοντο εἰνάετες, δεκάτῳ δὲ πόλιν
πέρσαντες ἔβησαν οἴκαδ'· ἀτὰρ ἐν νόστῳ
Ἀθηναίην ἀλίτοντο, ἣ σφιν ἐπῶρσ' ἀνεμόν
τε κακὸν καὶ κύματα μακρά.
ἔνθ' ἄλλοι μὲν πάντες ἀπέφθιθεν ἐσθλοὶ

SER CLÁSSICO NO BRASIL

APROPRIAÇÕES LITERÁRIAS
NO MODERNISMO E PÓS

TEREZA VIRGÍNIA RIBEIRO BARBOSA
JÚLIA BATISTA CASTILHO DE AVELLAR
RAFAEL GUIMARÃES TAVARES DA SILVA
COORDENAÇÃO

ἐταῖροι, τὸν δ' ἄρα δεῦρ' ἀνεμὸς τε φέρων
καὶ κῦμα πέλασσε.

εἰρωτᾶς μ' ἐλθόντα θεὰ θεόν· αὐτὰρ ἐγὼ τοι
νημερτέως τὸν μῦθον ἐνισπήσω· κέλευαι γάρ.

Ζεὺς ἐμέ γ' ἠνώγει δεῦρ'

SÉRIE MITO E (RE)ESCRITA

SER CLÁSSICO NO BRASIL

APROPRIAÇÕES LITERÁRIAS
NO MODERNISMO E PÓS

TEREZA VIRGÍNIA RIBEIRO BARBOSA
JÚLIA BATISTA CASTILHO DE AVELLAR
RAFAEL GUIMARÃES TAVARES DA SILVA
COORDENAÇÃO

TODOS OS VOLUMES DESTA SÉRIE SÃO SUJEITOS A ARBITRAGEM CIENTÍFICA INDEPENDENTE.

TÍTULO • SER CLÁSSICO NO BRASIL: APROPRIAÇÕES LITERÁRIAS
NO MODERNISMO E PÓS
ORGANIZAÇÃO • TEREZA VIRGÍNIA RIBEIRO BARBOSA, JÚLIA BATISTA CASTILHO DE AVELLAR,
RAFAEL GUIMARÃES TAVARES DA SILVA

SÉRIE MITO E (RE)ESCRITA

COORDENADOR CIENTÍFICO DO PLANO DE EDIÇÃO: Maria do Céu Fialho

CONSELHO EDITORIAL

José Ribeiro Ferreira
Maria de Fátima Silva

Francisco de Oliveira
Nair Castro Soares

DIRETOR TÉCNICO: Delfim Leão

EDIÇÃO

Imprensa da Universidade de Coimbra
URL: http://www.uc.pt/imprensa_uc
E-mail: imprensauc@ci.uc.pt
Vendas online:
<http://livrariadaimprensa.uc.pt>

IMPRESSÃO E ACABAMENTO

KDP

ISBN

978-989-26-2190-6

ISBN DIGITAL

978-989-26-2191-3

COORDENAÇÃO EDITORIAL

Imprensa da Universidade de Coimbra

DOI

<https://doi.org/10.14195/978-989-26-2191-3>

CONCEPÇÃO GRÁFICA & PAGINAÇÃO

Jorge Neves

DEPÓSITO LEGAL

PRÉ-IMPRESSÃO

Jorge Neves

1ª EDIÇÃO: IUC/CECH • 2022

BARBOSA, Tereza Virgínia Ribeiro, e outros
Ser clássico no Brasil : apropriações literárias no Modernismo
e Pós. – (Mito e (re)escrita) / Tereza Virgínia Ribeiro
Barbosa, Júlia Batista Castilho de Avellar, Rafael Guimarães
Tavares da Silva
ISBN 978-989-26-2190-6 (ed. impressa)
ISBN 978-989-26-2191-3 (ed. eletrónica)
I – AVELLAR, Júlia Batista Castilho de
II – SILVA, Rafael Guimarães Tavares da-
CDU 821.134.3(81).02(042)

© JANEIRO 2022.

IMPRESSA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

CLASSICA DIGITALIA VNIVERSITATIS CONIMBRIGENSIS (<http://classicadigitalia.uc.pt>)

CENTRO DE ESTUDOS CLÁSSICOS E HUMANÍSTICOS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Trabalho publicado ao abrigo da Licença This work is licensed under
Creative Commons CC-BY (<http://creativecommons.org/licenses/by/3.0/pt/legalcode>)

*Figuras femininas do romance latino
nas peças de Guilherme Figueiredo sobre
temas gregos: reinvenção das matronae
de Plauto, Petrônio e Apuleio*

*Feminine figures from the Roman novel
in Guilherme Figueiredo's Plays
on Greek Theme: The Reinvention
of the Matronae by Plautus,
Petronius and Apuleius*

Sandra Maria Gualberto Braga Bianchet
Universidade Federal de Minas Gerais
bianchet@ufmg.br
ORCID: 0000-0003-3178-2458

(Página deixada propositadamente em branco)

RESUMO – Este capítulo aborda as técnicas de intra e intertextualidade empregadas pelo dramaturgo brasileiro Guilherme de Figueiredo na obra *Quatro peças de assunto grego*, publicada na década de 1960, de modo a destacar como o autor consegue reunir perspectivas diferentes sobre as figuras femininas na literatura clássica e em seu próprio *locus* brasileiro. Das quatro peças mencionadas, são investigadas duas, que estão intimamente ligadas às obras latinas de Plauto, Petrônio e Apuleio: “Um deus dormiu lá em casa” e “A muito curiosa história da virtuosa matrona de Éfeso”. A análise aqui proposta demonstra que o vínculo programático com a Antiguidade greco-romana, anunciado já nos títulos, se expande ao longo das peças, enfatizando a escolha do autor de misturar seu próprio mundo brasileiro à Antiguidade e contribuindo, assim, para a sobrevivência dos textos clássicos.

Palavras-chave – Teatro; Plauto; Petrônio; Apuleio; Guilherme de Figueiredo; Matronas.

ABSTRACT – In the 1960's, Guilherme Figueiredo published *Quatro peças de assunto grego* (*Four Greek-themed plays*), two of which are straightly related to Roman works by Plautus, Petronius and Apuleius: “Um deus dormiu lá em casa” (“A God Slept in My Place”) and “A muito curiosa história da virtuosa matrona de Éfeso” (“The Very Curious Story of the Matron from Ephesus”). The programmatic link to Greek and Roman Antiquity, announced since the very beginning in the titles, is expanded throughout the plays in a way that emphasizes the author's choice of mixing up his own Brazilian world to Antiquity in a wide range. In this paper we aim to focus on Figueiredo's techniques of intra- and intertextuality, namely the way he succeeds in bringing together different perspectives on feminine figures in Classical literature and his own Brazilian *locus*, contributing to the survival of Classical texts.

Key-words – Theater; Plautus; Petronius; Apuleius; Guilherme de Figueiredo; Matronae.

1. Introdução

A literatura latina que chegou ao século XXI, conquanto fragmentada e parcial, traz até o presente diferentes formas e expressões do viver na Antiguidade greco-romana. Vidas de homens e mulheres cujos feitos mereceram registro, ou que serviram de moldura para expressar literariamente o existir naquele mundo, são apresentadas, representadas e rerepresentadas ao leitor hodierno, de modo a permitir-lhe lançar o olhar sobre algo do passado. Metaforicamente, são como pequenas janelas abertas para o pretérito imaginário bimilenar, filtradas, porém, por lentes sempre deformadoras de interpretação e portadoras de valores específicos e ideológicos não só do tempo em que foram produzidas, mas também do tempo em que foram

recebidas e apreciadas. Elas, no entanto, permitem ao leitor de hoje ter alguma ideia, ainda que longínqua e repleta de imperfeições, da realidade de então.

Nesse contexto, independentemente do gênero poético em que se inscrevem as obras latinas da Antiguidade clássica que ainda podem ser lidas nos dias atuais, figuras femininas estão presentes desde os primórdios da produção literária, mesmo que poeticamente reelaboradas por meio de vozes masculinas, sabendo-se que as mulheres viviam à época da República em uma sociedade submetida ao hegemônico e inquestionado poder masculino, cujo detentor era homem livre – expressão de poder do cidadão romano e *pater familias*. Por isso, a visão que a literatura antiga, cujo escopo canônico latino era, como preconizado por Horácio – *aut prodesse uolunt aut delectare poetae aut simul et iucunda et idonea dicere uitae* – “ou serem úteis ou deleitar querem os poetas, ou, simultaneamente, dizer coisas não só agradáveis, mas também úteis à vida” (Horácio, *Epistula ad Pisones*, 333-334, trad. S. Bianchet et al.),¹ representava, de fato, por meio de suas personagens literárias, não a imitação da realidade e de suas intrínsecas características, mas antes a repetição de diversos estereótipos femininos, criados decerto sob a função horaciana de não apenas deleitar os leitores, mas de exibir e criticar modelos esperados ou indesejados de comportamento segundo a tábua de valores dos grupos de poder vigentes e atuantes.

Nesse período ainda inicial da literatura latina, criavam-se, assim, e se reproduziam as matrizes de comportamento, não apenas do *uir romanus*, mas também das *feminae*, que encontravam sua excelência e lugar de poder na esfera doméstica da administração da casa e da educação da família, *locus* ideal do modelo de modéstia das *matronae Romae*.

Essa matriz pode ser observada no registro concreto, pungente e real do Epitáfio de Cláudia, preservado em uma lápide funerária, aqui citado na tradução de Maria Helena da Rocha Pereira:

Estrangeiro, pouco tenho para dizer; para e lê.
Este é o sepulcro não pulcro de uma pulcra mulher.
Cláudia foi o nome que lhe puseram seus pais.
Ao marido amou de todo o seu coração.
Filhos, criou dois. Destes, a um,

¹ Sempre que não for mencionada a autoria da tradução, ela será de nossa responsabilidade.

Deixou sobre a terra, o outro sob ela.
Aprazível a sua fala, gracioso era seu andar.
Cuidou de sua casa, fiou a lã. Disse. Podes ir-te.
(*Romana*, 2002, p. 12, trad. M. H. Rocha Pereira)

Decerto, tamanhas eram a cobrança e a imposição ideológica às mulheres que faz sentido o verso de Plauto, no escopo do gênero literário da comédia, que, juntamente com a sátira, na crítica aos comportamentos e vícios sociais, talvez mostrem com um pouco de maior precisão a realidade de quando foram compostas, por meio dos chistes, ainda que de forma eivada dos mesmos preconceitos e valores. Na comédia *As Bâquides*, preservada em estado fragmentado, uma das protagonistas se lamenta logo no início da trama ao dizer que *Miserius nihil est quam mulier* – “Nada é mais miserável que uma mulher” (Plauto, *Bacchides*, v. 41), retratando de forma muito clara a condição real de submissão da imensa maioria das mulheres no mundo antigo.

Esse modo literário de representação das mulheres alterou-se um pouco, no entanto, com o advento da geração de poetas conhecidos como *neoterói*, influenciados pelo modo de vida helenístico, no qual Roma adentrara a partir do domínio dos reinos mediterrâneos. Nesse contexto, novas formas de pensamento e valores se inseriram nos versos e no comportamento social – tanto com a helenização do *decorum* romano, quanto no início da produção literária dos poetas, em que a mulher ganha novo relevo, como objeto do amor e do desejo do poeta. Catulo é seu melhor exemplo, e as mulheres por ele descritas ganham relevo e consistência, com a apresentação do comportamento feminino das *puellae* oriundas da elite da época, sendo, em novidade, reveladas como cultas e inteligentes, ou *doctae*,² como no elogio que faz o narrador poético do *carmen* XXXV, ao desculpar à amada de seu amigo Cecílio por retardá-lo: “Perdoo-te, moça do que a Sáfica musa mais douta” – *Ignosco tibi, Sapphica puellamusa doctior* (Catulo, *Carmina*, 35, 16-17).

Nesse mesmo e constante viés social dominado pela hegemonia ideológica masculina da produção literária, porém, uma nova tendência de representação das mulheres pode ser percebida com o advento do poder de Otaviano. Nesse percurso programático e ideológico, capitaneado por Mecenas, os poetas cooptados pelo *princeps* aderiram ao seu projeto de

² A esse respeito, veja-se Massey (1989).

restauração moral, considerada decaída nos vícios do fim da República, notadamente com a reforma de cunho moral que Otaviano fizera a partir de 31 a.C., na qual se inclui a *Lex Iulia de Adulteriis Coercendis*,³ como uma forma de legitimar seus interesses dinásticos.⁴

Alterando-se, porém, os tempos, quando já por fim o poder imperial de Augusto e do Império se consolidaram e se formava ao redor do *princeps* uma corte em que uma maior liberdade fora alcançada pelas mulheres pertencentes à elite imperial e senatorial, parece que também o poder político e a representatividade literária das mulheres se fortaleceu. Ao menos é o que se pode inferir das descrições feitas pelos historiadores Tácito e Suetônio, que as apresentaram como sujeitos de personalidade, vigor e ambição, como Messalina, terceira mulher do imperador Cláudio, ou Agripina, sua quarta esposa e mãe de Nero.

Do mesmo modo como se alterou a sociedade em que foram produzidas as obras que compõem a literatura latina, e com ela a representação da mulher feita pelos poetas e prosadores, alterou-se a forma com que também essas obras foram recepcionadas na contemporaneidade, mormente a partir dos anos 1960 e 1970. Para Feitosa & Favarsani (2002, p. 253), houve nessas décadas, impulsionada pelo movimento feminista, uma mudança nítida na forma de abordar a presença feminina em espaços públicos. Reforçam os autores, porém, que é a partir de “análises que tomam por parâmetro as relações de gênero que a temática feminina passa a ser discutida relacionada ao contexto social, econômico e político e nas relações de poder estabelecidas entre elas e os homens” (2002, p. 253). Do ponto de vista jurídico, afirmam os autores que, apesar de não se poder assegurar que houvesse “similaridade” entre homens e mulheres, é possível contestar o “modelo generalizante de submissão jurídica absoluta da mulher romana, presente na historiografia tradicional” (Feitosa & Favarsani, 2002, p. 255).

É exatamente nesse momento histórico na contemporaneidade dos Estudos Clássicos acerca do feminino que são lançadas as “quatro peças de assunto grego” de Guilherme de Figueiredo – *Um deus dormiu lá em casa, A raposa e as uvas, Os Fantasmas e A muito curiosa história da virtuosa*

³ Uma das leis que compuseram as alterações feitas por Augusto no tocante à regulação do direito civil romano, cujo objetivo era proteger o matrimônio e incentivar a natalidade. Em específico, a partir dessa lei, o adultério foi alçado à condição de crime público e se tornou responsabilidade do Estado (Teixeira, 2009, p. 361-363).

⁴ Para mais detalhes a respeito, veja-se Azevedo (2014).

Matrona de Éfeso, comédias declaradamente gregas, sem deixar de ser, ao mesmo tempo, romanas e cariocas.

2. Matronas como instrumento do riso

Com mais precisão, o termo *matrona* referia-se, no período republicano, às mulheres casadas sob o regime *sine manu*, ou seja, àquelas que não se submetiam à autoridade do marido – *pater familias* –, permanecendo, mesmo após as núpcias, sujeitas à *potestas* do pai. No entanto, com o fim dessa modalidade de casamento ainda antes do início do Império, a denominação de matrona passou a ser conferida a todas as mulheres casadas, tornando-se, na prática, um sinônimo de *mater familias*. Suas principais funções eram zelar pela administração da *domus* e cuidar da educação dos filhos, razão pela qual eram esperados dela a máxima respeitabilidade e o cumprimento exemplar do *decorum*. Isso se pode ver na descrição de Plutarco quanto à virtude das mulheres, e na oposição que ele faz, ao concordar com Górgias, em contraposição à opinião de Tucídides:

Sobre as virtudes das mulheres, ó Clea, não perfilho opinião idêntica à de Tucídides. Segundo este afirma, a mulher mais virtuosa é aquela que menos motivo de conversa oferece entre estranhos, quer sob a forma de censura, quer de elogio [...]. No meu ponto de vista, Górgias, em contrapartida, mostra-se mais perspicaz ao defender que não é a figura física mas a fama da mulher que deve ser do conhecimento público. Ideal me parece ser o costume de prestar a adequada homenagem pública tanto a homens quanto a mulheres após o termo de suas vidas. (Plutarco, *A coragem das mulheres*, 1.1, trad. M. C. Fialho, P. B. Dias e C. C. Silva)

E, de fato, também os romanos cumpriam o costume exposto por Plutarco de exaltação das virtuosas mulheres, uma vez que são muitos seus exemplos – não apenas Lucrecia e Cornélia, mas ainda Vetúria, mãe de Caio Márcio Coriolano, por cuja intervenção este desistira do intento de atacar a Urbe.

Será, pois, sob essa tábua de valores impostos e cobrados das mulheres e praticados e reverenciados em Roma que se revelará toda a crítica petroniana, quando se detalha a forma de resolução do conflito conjugal entre Licas e Trifena, no qual marido e mulher apontavam e reclamavam do

adultério um do outro, que foi estabelecida por um tratado que estipulava multa para os adúlteros. Esse episódio, por certo, mais não faz que zombar da *Lex Iulia de Adulteriis Coercendis*, supra referida, que punia seus infratores com pena pecuniária de confisco e exílio em ilha distante.⁵ No *Satyricon*, por sua vez, os pares logo nos capítulos seguintes se restauram, e para celebrar o restabelecimento da paz, o poeta paspalhão resolve contar, para alegria de todos, o episódio da Matrona de Éfeso, cuja trama, ao narrar o rápido desfazimento do luto da viúva, aponta o olhar jocoso que perpassa o romance já então para contra as atitudes exaltadas de uma viúva, que marcam acaloradamente o próprio início da narrativa da fábula, em arremate da paródia da prática e dos desejos sexuais dos casais e, sobretudo, das mulheres casadas.

Especificamente a respeito das personagens femininas petronianas, Leão (2009, p. 76) afirma:

Petrônio oferece uma ampla galeria de personagens femininas, de desigual importância. Entre todas elas, porém, não há uma única que sirva de modelo de amor, dedicação, equilíbrio [...]. Todas são mais ou menos negativas.

Quanto ao perfil comportamental das mulheres personagens do *Satyricon*, portanto, também ele aparece sob o mecanismo de ruptura de expectativas sociais, mais especificamente de relação de poder, sendo, para tanto, sucessivamente motores de reviravoltas narrativas. Sob esse enfoque, destacam-se, nos grupos de episódios do romance petroniano, pela função que assumem como protagonistas dos eventos narrativos vivenciados e/ou observados por Encólpio, tipos sociais como Quartila, a matrona impiedosa dos episódios iniciais; Fortunata, a matrona degradada da *Cena Trimalchionis*; Trifena, a matrona libidinosa, e Circe, a matrona insaciada, nos episódios finais. Todas elas são apresentadas no escopo da narrativa como protótipos de contra-exemplos comportamentais feminis, mas que carregam em si o signo do empoderamento feminino no incipiente Ocidente cristão.

Quanto à obra de Apuleio, a representação multifária do feminino em *O burro de ouro* franqueia a afirmação de Walter de Medeiros, em seu

⁵ Veja-se, nesse sentido, o verbete *adultery*, no *The Oxford Dictionary of the Classical World* (2005, p. 6).

preâmbulo à obra de Cláudia Teixeira (2000, p. 14-15), de que o *Asinus Aureus* (*O burro de ouro*) é a obra mais representativa de um século conturbado, também ele de “ouro”, por meio da qual o autor de Madauros teria tido êxito em exprimir “a inquietação espiritual de seu tempo, os aspectos túrbidos de uma sociedade multiforme”.

Sem sombra de dúvidas, Apuleio aduz, ao longo de sua obra de ficção em prosa, uma série de personagens femininas, a maior parte das quais objeto de críticas declaradas a seu comportamento moralmente reprovável, distantes dos estereótipos literários e historiográficos supra referidos, que buscam reforçar o paradigma de modéstia e excelência da mulher, circunscrevendo seu lugar de poder à esfera da administração da *domus* e da educação da prole.

O fato é que, independentemente da classe social – sejam elas escravas ou matronas, as mulheres no romance apuleiano são permanentemente alvo de reprimendas e severas críticas por parte das personagens masculinas.

As personagens femininas do romance de Apuleio, façam elas parte das histórias inseridas ou da linha diegética central, apresentam-se, pois, declaradamente como estereótipos de “antimatrona” – *exempla* a não serem seguidos, pois que são cumulativamente enganadoras, perversas, egoístas, lascivas, mentirosas, insidiosas, vingativas... Praticamente dois livros inteiros – curiosamente os livros em que o narrador mais usa a designação de *matrona* para se referir a mulheres – são dedicados à narração de histórias de adultério feminino e de crimes abomináveis cometidos por mulheres (livros 9 e 10, respectivamente), como, por exemplo, o da esposa ciumenta que mata a irmã de seu marido cravando carvão em brasa em meio a suas pernas, o primeiro de uma série de seus crimes (Apuleio, *Asinus Aureus*, 10.24).

Leão (2009, p. 75) destaca apenas três personagens femininas de *O burro de ouro* como merecedoras de proeminência quando se trata de abordar a “valorização do imaginário feminino numa obra onde se mostra particularmente visível e contundente o recurso a lugares-comuns da misoginia”: Cárite (livros 4 a 8), Psiquê (livros de 4 a 6) e Ísis (livro 11).

Nas peças de Guilherme de Figueiredo, todos os tipos femininos presentes no romance latino são convertidos em objeto de riso por meio de expediente alicerçado no princípio da *contaminatio*, entendida em seu sentido lato, uma vez que as fronteiras de gênero, de mito e de tempo se encontram obnubiladas de forma ampla e irrestrita, de modo a não se conseguir distinguir facilmente a origem dos vícios e defeitos humanos dignos de riso: se grego, se romano, se medieval, se carioca. Trata-se de uma autêntica

satura com multivariados elementos, cuja composição final reflete o que nos diz Terêncio: *homo sum; humani nihil alienum a me puto* – “Sou um ser humano; nada do humano julgo a mim estranho” (Terêncio, *Heauton Timorumenos* – O algoz/carrasco de si mesmo, 77).

Interessante aqui destacar que as escolhas de fontes literárias clássicas para a composição das peças de Guilherme de Figueiredo sob análise são latinas – a comédia *Anfitrião* de Plauto e a fábula *A matrona de Éfeso*, presente em Fedro (*Appendix Perottina*, fábula XV), no *Satyricon* de Petrónio, e também retratada no filme *Satiricon* de Fellini.

Em *Um deus dormiu lá em casa*, por exemplo, destaca-se a referência interna feita por Anfitrião à matrona de Éfeso, para justificar sua preocupação em zelar pela pudicícia da esposa:

“Um guarda do cemitério de Éfeso seduziu uma das mais respeitáveis matronas, que estava velando o cadáver do marido...”
(Figueiredo, *Um deus dormiu lá em casa*, 1964, p. 14)

Ainda que muitas referências paradigmáticas à Antiguidade clássica estejam presentes em *Um deus dormiu lá em casa*, como o fato de o advinho se chamar Tirésias, ou a farmácia ser de Esculápio, ocorre uma inversão radical no próprio plano do enredo da peça, uma vez que não há efetivamente a visita de Júpiter a Alcmena, mas a de seu marido Anfitrião, disfarçado de Júpiter, a ironizar a todo o tempo a existência de divindades, num jogo constante entre verdade e mentira. O riso aqui é franqueado pela insistência da virtuosa matrona em passar a noite ao lado de quem julga ser Júpiter, diante de um marido inconformado com o entusiasmo da esposa em traí-lo com o deus. Diante da recusa peremptória de Anfitrião / Júpiter, Alcmena se sente profundamente ofendida – afinal de contas se trata de uma visita de Júpiter a uma mortal – e o provoca:

“Se não me queres dar um filho, eu dar-te-ei um neto. Vem, Mercúrio.”
(Figueiredo, *Um deus dormiu lá em casa*, 1964, p. 42)

O autor reserva a visita de Júpiter metamorfoseado em mortal para a peça *A muito curiosa história da virtuosa matrona de Éfeso*, ora acompanhado não por Mercúrio, mas por Diana, uma vez mais processando o inter cruzamento de enredos cômicos. Aqui reproduz-se em grande medida o enredo de Petrónio, versão à qual Guilherme de Figueiredo se vincula programaticamente já desde a escolha da epígrafe, ao eleger a frase final da

matrona de Petrônio como citação: *Malo mortuum impendere quam vivum occidere* – “Prefiro pendurar o morto a matar o vivo” (Petrônio, *Satyricon*, 112.7, trad. S. Bianchet). Destacam-se nessa peça as citações de versos de Virgílio, notadamente através de Petrônio, pela personagem sentinela de Guilherme de Figueiredo. Desse modo, acrescenta-se mais uma camada de processamento da fala de Ana no canto quarto da *Eneida*.⁶

SENTINELA: – (meio declamando) Crês que podem ter cura as cinzas e os espíritos dos sepulcros?

CÍNTIA: – Que disseste?

SENTINELA: – Nada. Um troço de Virgílio. Poeta romano. Vamos, não queres voltar à vida? Não queres abandonar o teu erro feminino, e voltar a gozar a alegria da luz? Isto é o que escreverá Petrônio...

(Figueiredo, *A muito curiosa história da virtuosa matrona de Éfeso*, 1964, p. 225)

Aqui o riso se molda em meio às diversificadas *contaminaciones* processadas pelo autor, com múltiplas referências não só à Antiguidade clássica, mas também ao universo cultural existente entre Petrônio e Guilherme de Figueiredo, que fala em sua peça de complexo de Édipo, aula de catecismo e Direito Constitucional, e faz suas personagens citarem Shakespeare, Molière, Keats, Baudelaire. Tudo isso eivado de uma dimensão diferente e original de humor, a que se poderia chamar “tipicamente carioca”.

3. Considerações finais

O *modus uiuendi* da Antiguidade romana retratado nas obras aqui comentadas, ainda que ficcionalmente delineado, deixa entrever um organismo social em funcionamento e permite lançar os olhares contempo-

⁶ *Satyricon*, 111 e *Eneida*, 4, 34 – *Id cinerem aut manes credis sentire sepultos?* *Satyricon*, 112 e *Eneida*, 4, 38 – *Placitone etiam pugnabis amori?* Frases proferidas por Ana, irmã de Dido, no momento crucial do canto IV da *Eneida*, quando Dido resolve descumprir a jura de amor eterno ao falecido marido Siqueu e entregar-se ao amor do estrangeiro Enéas; contexto semelhante ao apresentado por Eumolpo na citação no conto da Matrona de Éfeso, em que a viúva, obstinadamente decidida a morrer junto ao túmulo de seu marido, se entrega aos amores de um soldado.

râneos em pelo menos algumas maneiras possíveis de um provável “jeito feminino de ser” no mundo antigo.

Na perspectiva aqui apresentada, essa mesma maneira de existir no mundo pode projetar-se e imiscuir-se ao jeito feminino de ser no mundo contemporâneo, de modo que, ao leitor atual, se torne possível vislumbrar, pelas janelas curiosas do presente, algo da real condição feminina na Antiguidade, para além daqueles estereótipos de mulheres submetidos ao jugo ideológico de uma sociedade dominada literária e historicamente quase que apenas pelos homens.

Por meio de um expediente literário que remonta aos tempos da comédia latina, Figueiredo se vale de uma série de *contaminationes* para (re) apresentar ao leitor hodierno fontes literárias clássicas na composição de suas peças – gregas no título, mas romanas na forma sob a qual chegaram ao século XXI, de modo a com elas compor variegadas camadas críticas referenciais à sociedade brasileira de fins do século XX.

Desse modo, as *matronae* de Plauto, Petrônio e Apuleio, recepcionadas e reprocessadas no teatro de Guilherme de Figueiredo, trazem em si, a um só tempo, marcas de junção de mundos tão diferentes cronologicamente, como o grego, o romano e o carioca, mas, paradoxalmente, tão próximos em termos culturais, que imprimem às peças o olhar divertido e crítico de cada um dos períodos da sociedade ocidental aqui abordados.

Referências

- Apuleio (2007). *O burro de ouro*. Tradução e introdução D. Leão. Lisboa: Cotovia.
- Apuleio (2020). *As metamorfoses de um burro de ouro*. Tradução de Sandra Braga Bianchet. Curitiba: Editora Appris.
- Azevedo, S. F. L. (2014). Sexualidade e política à época de Augusto: considerações acerca da ‘lei Júlia sobre adultério’. In C. E. C. Campos; M. R. Candido (ed.). *Caesar Augustus: entre práticas e representações (239-256)*. Vitória/Rio de Janeiro: DLL-UFES/UERJ-NEA.
- Catullus. *Carmina*. Acedido a 01 mai. 2019, em www.thelatinlibray.com.
- Feitosa, L. M. G. C.; Faversoni, F. (2002-2003). Sobre o feminino e a cidadania em Pompéia. *Pyrenae*, 33-34, 253-259.
- Figueiredo, G. (1964) *Um deus dormiu lá em casa, A rapôsa e as uvas, Os Fantasmas, A muito curiosa história da virtuosa matrona de Éfeso (quatro peças de assunto grego)*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira S.A.

- Horácio (2013). *Epistula ad Pisones*. Organização, tradução e notas de S. Bianchet; J. Avellar; B. Maciel; D. Monteiro. Belo Horizonte: Laboratório de Edição – FALE/UFMG. Acedido a 29 jul. 2016, em <http://www.lettras.ufmg.br/vivavoz/index.asp?path=no1vol1julho2004.asp&title=Downloads>.
- Leão, D. F. (2009). Amor e amizade no Satyricon de Petrônio (73-90). *Symbolon I: Amor e Amizade*. Porto: Faculdade de Letras, Universidade do Porto. Acedido a 16 dez. 2019, em ler.lettras.up.pt/uploads/ficheiros/8338.pdf.
- Massey, M. (1989). *As Mulheres na Grécia e Roma Antigas*. Portugal: Publicações Europa América.
- Medeiros, W. (2000). Preâmbulo. In C. Teixeira. *A conquista da alegria: estratégia apologética do romance de Apuleio*. Lisboa: Edições 70.
- Petrônio (2004). *Satyricon*. Trad. S. B. Bianchet. Belo Horizonte: Crisálida.
- Plautus. *Bacchides*. Acedido a 01 mai. 2019, em www.thelatinlibray.com.
- Plutarco (2003). *A coragem das mulheres*. Trad. Maria do Céu Fialho, Paula Barata Dias e Cláudia Cravo da Silva. Coimbra: Minerva.
- Roberts, J. (ed.) (2005). *The Oxford Dictionary of the Classical World*. Oxford: University Press.
- Rocha Pereira, M. H. (2002). *Estudos de História da Cultura Clássica, II volume – cultura romana*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Suetonius Tranquillus. *De Vita Caesarum*. Ed. Maximilian Ihm. Acedido a 04 ago. 2020, em <http://www.perseus.tufts.edu/hopper/collection?collection=Perseus%3Acorpus%3Aperseus%2Cauthor%2CSuetonius>.
- Teixeira, C. (2009). Casamento, adultério e sexualidade no Direito Romano: o caso particular da *Lex Iulia de maritandis ordinibus* e da *Lex Iulia de adulteriis coercendis*. In J. A. Ramos et al. *A sexualidade no mundo antigo*. CECH/ Universidade de Coimbra & Centro de História da Universidade de Lisboa.
- Terentius Afer. *Heauton Timorumenos*. Acedido a 01 mai. 2019, em www.thelatinlibray.com.
- Virgílio (2014). *Eneida* (edição bilingue). Trad. Carlos Alberto Nunes e organização de João Angelo Oliva Neto. São Paulo: Editora 34.

OBRA PUBLICADA
COM A COORDENAÇÃO
CIENTÍFICA



1 2



9 0



IMPRESA DA
UNIVERSIDADE
DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS